

ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 89

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da República
GUIMARÃES

Redactor principal,
A. L. de Carvalho
Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 1 de Agosto de 1912

Secretário da redacção,
Capitão L. A. Pina Guimarães
Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranesse
R. DE PAIO GALVÃO

A festa da cidade

Quarenta e oito horas volvidas sobre a publicação destas colunas, reabre a cidade o seu primeiro dia de festa e repete-se a nossa obra de propaganda, a qual compete zelar e engrandecer com os esforços de todos os vimaraneses.

Serão três dias alegres — queremos cre-lo — apesar das mil e uma dificuldades que, desde há um mês a esta parte, a comissão promotora das «Gualterianas» tem encontrado; três dias alegres, apesar de todos os pezares; e três belos dias, sobretudo, porque todos nós, mesmo sob esta *onda das coisas* que agora vai correndo, nos uniremos um pouco, declarando a divisa que a todos sobremaneira honra: — **Pela nossa terra!**

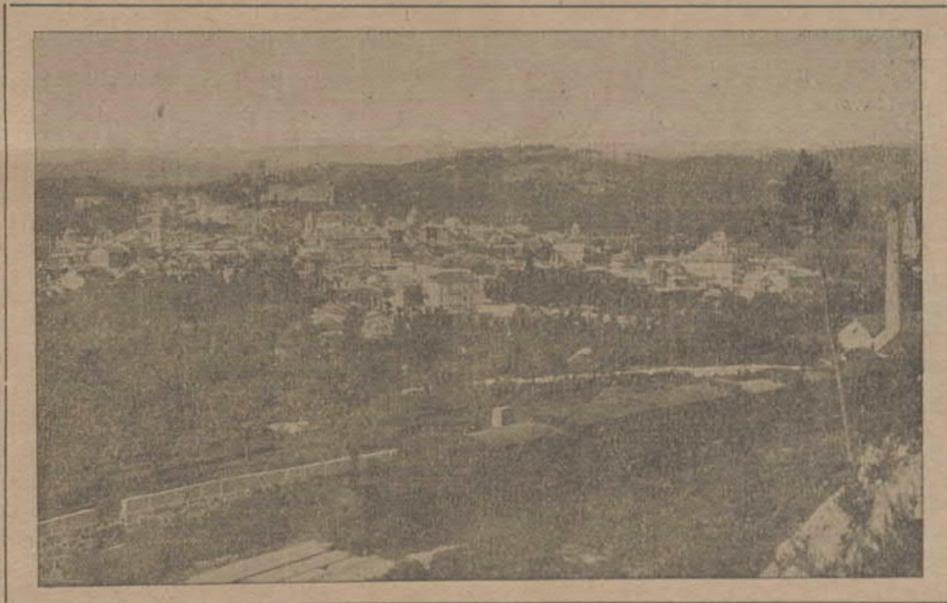
A cidade tradicional

Sim, por esta terra que tantas vezes é má e tantas vezes é boa; que, pode dizer-se, tantas vezes persegue, como lisongeia; esta terra que é sempre o nosso lugar escolhido, aquele que mais carinho nos merece e por quem sempre nós trabalhamos, apesar de tudo, com entusiasmo e com amor.

Do seu passado — lá vem do fundo das páginas de uma história que o Povo sempre enobrecer — veem datas de glória que são os pergaminhos com que **Guimarães** se apresenta aos seus visitantes. Figuras de um alto relêvo cívico sobem sobre a poeira dos mil conflitos sociais do passado, e iluminam-os, de face, a luz dum renome e glória sobremodo eloquentes. Dentro do seu século eles foram, sob a égide da sua bandeira e das suas doutrinas morais, os precursores de uma alta ideia de liberdade e de amor pátrio, a favor da qual expuseram a fôrça da sua vontade e do seu braço. Falam-nos deles preciosos documentos de Arte e de Fé, joias para que olhamos quasi com a ternura de uma saudade — como se entre esse e este tempo se estabelecesse uma espiritual união de sentimentos patrióticos e nós, como os velhos heróis, fôssemos, pelo espírito, coevos e como que promotores da mesma Obra. E' isto o que entre nós se chama, justificadamente, o **amor da terra** — coisa que todos sentem e que, portanto, nos mantém irmãos.

As obras de Arte e de Fé que tais sentimentos nos inspiram podem vê-las todos aqueles a quem merecemos a honra de uma visita. É esse castelo sem beleza alguma de classicismo arquitectónico, mas expressivo não só do patriotismo que nos provoca, como do indómito caracter desse período guerreiro, propagado da obra aos homens por uma íntima e

homogénea corrente de amor de Portugal. São as joias primorosas que encerra o precioso museu de arte religiosa da nossa **Guimarães**, os quais nos falam de reis do povo e, sobretudo, do passado de um povo de artistas. É a beleza de arquitectura de alguns dos nossos monumentos públicos — igrejas, mosteiros e edificações ornamentais do século XVIII — que elevam acima da vulgaridade da construção moderna um pedaço de graça e carinho nos seus elementos decorativos.



Vista geral da cidade

E é, finalmente, esse belo edificio da nossa biblioteca, doado à cidade, não por uma *coterie* política ou do snobismo intelectual, mas por todos nós, pequenos e grandes, gente pouco ou muito ilustrada, que sempre nos sentimos prontos a auxiliar as iniciativas que de algum modo engrandecem a nossa terra.

A cidade industrial

Mas **Guimarães**, só por ser uma cidade de um altíssimo mérito histórico, não adormece, esquecida do valor do tempo, à sombra dos seus loiros.

Ei-la a cidade que trabalha, que luta, que ama o progresso, simbolizada nessa multidão de fabricas modernas e esplêndidas que são hoje, instaladas nos seus subúrbios formosíssimos, como que o seu cinto de muralhas e o seu ponto de defesa económica. Das antigas indústrias, que a população herdou quasi que no estado primitivo e, desse modo, em circunstâncias de não servirem as exigências do moderno uso de viver, produziu a cidade de hoje uma notável obra de transforma-

ção e ampliação, bem digna de ser o simbolo dos esforços desta gente essencialmente trabalhadora num periodo em que as produções da indústria, depois das superiores concepções da Arte, caracterizam a mais constante preocupação humana.

E' nessas fabricas que dia a dia se esconde a maioria da gente que nesta **Guimarães** vive sómente do seu trabalho. A par do mais moderno maquinismo, e numa união sobremaneira interessante, colocam-se as mais lindas fisionomias de tecedeiras, o povo mais alegre e mais dextro de uma sociedade infelizmente tão mal educada, mas sem dúvida muito útil e imediata de adaptação. São essas fôrças do progresso, a par dessas outras modernas tendências do exercício profissional, que

alimentam hoje a vida social e doméstica da cidade, logrando ainda promover o aumento das fortunas particulares e do bem estar público.

A' hora alegre do meio dia, pelas ruas modernas e alegres do centro da cidade, dá **Guimarães**, quotidianamente, uma parada militar das suas fôrças fabris, como saída ao toque de clarim do vapor das suas caldeiras nos subúrbios industriais. Esse espectáculo fica inédito, infelizmente, para quaisquer dos nossos visitantes; mas nem por assim acontecer deixará de admirar quem a esta terra se encaminha, já nos edificios da indústria, já nos tecidos e demais fabrico à venda nos estabelecimentos comerciais, e, sobre tudo, na expansão dos artigos daqui, dia a dia enviados aos maiores centros mercantis de Portugal, quanto esta cidade trabalha e se engrandece, e como ela continúa, nos usos actuais da produção industrial, o renome da cidade que caminha sempre na avançada de todos os cometimentos patrióticos e de todas as iniciativas promotoras do progresso social e artistico.

A festa da cidade

São, pois, os factos gloriosos do passado e os modernos elementos da indústria, que a enriquecem, o que **Guimarães** apresentará aos seus forasteiros nos próximos dias 3, 4 e 5.

E' possível que em Portugal algumas outras cidades do mesmo número de população lhe possam mostrar prendas de maior mérito; no Minho, ninguém, ao certo, encontrará cidade de um passado mais glorioso, com museus melhor organizados e mais ricos, nem tam pouco com uma vida industrial mais notável.

Não só a festa, portanto, virão os que nos derem a honra de aqui aportarem. Mas os que só para a festa venham, terão, não um programa superior, em des-

pesas, às receitas que se colheram, mas tam sómente, mercê dos subsídios recebidos, um programa que não é vulgar encontrar-se nas festividades que em todo o país se realisam, organizado com números leves, modernos e elegantes.

Hão-de causar sensação os números dos exercícios de gymnástica, cinematógrafo público, batalha de flores, concêrtos e concurso de cantos e danças regionais. As ornamentações, desenhadas por alguns amadores de verdadeiro mérito, queremos cre-lo, serão belas. E a feita franca, as corridas de bicicletas, marcha nocturna e exercício de bombeiros, serão números, também, a que os nossos visitantes prestarão o seu aplauso.

¡Vamos para a onda da alegria que aí vem! ¡E' a nossa festa — a festa dos que amam **Guimarães**! E' a festa desta grande familia laboriosa que, acima de tudo, tem o valor de saber amar o seu torrão.

A' CIDADE!

Sempre a festa querida dos vimaraneses teve a engrandecê-la e a animá-la o carinho e entusiasmo das damas gentis, bem assim o aplauso de todos quantos nesta terra habitam. Confiados, pois, neste acolhimento bairrista que, com orgulho afirmamos, nunca foi, nem jamais será desmentido, vimos rogar-vos, senhoras e senhores, que enfeiteis as vossas moradas, oferecendo dest'arte ao forasteiro que nos visita aquela disposição simpática que sempre se colhe das boas provas de amor local.

PROGRAMA DAS "GUALTERIANAS,"

A cidade de Guimarães, colmeia industrial do Minho, apesar dos acontecimentos de ordem pública que se desenrolaram numa parte do norte do País, desejando contribuir para a normalidade de que a terra portuguesa tanto carece, dá um exemplo de civismo, de ordem e de amor nacional, realizando com o brilhantismo costumado nos dias 3, 4 e 5 de Agosto a sua annual festa popular.

SABADO 3

Viva Guimarães!

Far-se há, como saudação querida, a alvorada do primeiro dia das «Gualterianas» exprimindo-se nas notas e letra de um hino consagrado à terra vimaranesse, todo o ardor, todo o entusiasmo da grande e inolvidável Festa da Cidade:

«O' Guimarães, teu progresso tua vida,
«E' toda a nossa aspiração!

O seu progresso é toda a nossa aspiração, certos de que servir a terra onde vivemos, é servir a

Pátria, a República, a terra amada de Portugal, enfim.

Feira franca anual

No Largo da República do Brasil, onde se desenrola em diversões, barracas e bazares a feira franca de S. Gualter, inaugura-se, impressionante e animada de transacções, o importante mercado de gado bovino, sob o incentivo de prémios pecuniários.

Festival nocturno

Ostentará o amplo campo da grande feira vistosíssima iluminação e decoração, fazendo-se ouvir

no local algumas bandas de música, enquanto que ao espaço sobe um primoroso fogo de artifício dos reputados pirotécnicos Manoel da Silva & Filho, de Viana; Devesas, do Porto; de Moreira de Rei e outros.

DOMINGO, 4

Guimarães em festa

Está evidentemente a cidade em festa. A artéria principal vestir-se ha de galas na execução dum plano artístico de ornamentações, sempre novas e alegres. 8 bandas de música, (2 regimentais e 6 paissanas), dão a medida da sua importância.

Feira de gado cavalari

Concorre a este mercado a Comissão Técnica da Remonta do Exército. A seguir se descrevem prémios destinados aos melhores concorrentes.

Exercício de bombeiros

Número sempre admirado e aplaudido, levado a efeito pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, a distinta e briosa corporação que tanto se distingue dentre as suas congéneres do país. O exercício é pelas 11 horas, junto ao Passeio da Independência.

Batalha de flores

Pelas 16 horas, na rua 31 de Janeiro, depois do desfile magestoso de um cortejo em que tomam parte piões, bicicletas, carros e automóveis caprichosamente enfeitados, ferir-se há o lial e bom combate, feito não só da graça das flores e da alegria das serpentinas, mas de sorrisos também. Há prémios de arte, que um júri conferirá aos que melhor se apresentem.

Iluminações gerais

Ruas e largos da cidade brilharão na policromia de fantásticas iluminações, como já mais terras do Minho melhor souberam fazer.

Arraial nocturno

Da intensiva multidão festeira que se diverte, gosando o fogo, os aerostatos, o cinematógrafo público, as músicas e mais as iluminações, destaca-se um

Concurso de festadas

Tipicos e movimentados ranchos de gente do campo, cantando e dançando ao uso da terra. Um júri concederá como prémios: 2 libras em ouro, 1 libra em ouro, 1/2 libra em ouro.

Festival no jardim

Sempre emotivos e atraentes estes festivais. As excelentes bandas regimentais de infantaria 8 e 20 tocarão conjuntamente um programa selecto. O jardim será belamente iluminado.

SEGUNDA-FEIRA, 5

Distribuição de prémios

Pelas 10 horas classificação e entrega, no local da feira, dos prémios aos melhores concorrentes às feiras de gado bovino e cavalari.

Corridas de bicicletas

Na mesma ocasião, na Avenida Miguel Bombarda, verificam-se as provas das corridas «negativas» e fitas. As provas de corridas de «resistência» iniciam-se às primeiras horas do dia com o circuito seguinte:

Guimarães a Fafe, Senhora do Porto, Povoas de Lanhoso, Taipas e Guimarães.

A meta de partida e chegada é junto à sede dos Bombeiros Voluntários.

São conferidos 5 prémios, respectivamente, aos vencedores.

Festa desportiva

Em excursão a esta cidade, o Colégio dos Orfãos de S. Caetano, de Braga, gentilmente realiza, com as 110 crianças de que se compõe, uma interessante festa desportiva, pelas 16 horas, publicando-se oportunamente o programa e local. Chegam à Estação do Caminho de Ferro, pelas 11 horas, sendo recebidos na Câmara Municipal.

Marcha Milanesa

Feérica, original surpreendente esta marcha de apoteose e saudação aos forasteiros, organizada com a colaboração entusiástica da classe dos empregados do comércio e que tanto e tão justificado successo tem feito, mercê do gosto artístico do querido vimaranense José de Pina, professor de desenho.

Além dos grupos de rosas, lágrimas, mal-me-querer, papoulas, cisnes, patos, galos, pombas, suínos, macacos, perús e figuras... à falta de outros bichos, farão parte do cortejo luminoso 3 carros:

- O Chantecler — Deus da moda.
- O Mefistófeles — Deus da lenda.
- O Amor — Deus da saúde.

Músicas, fogos de bengala, garridice, sonho...

Festival nocturno

Repetem-se as iluminações no jardim público e Passeio da Independência, realizando-se outro concerto com um novo programa, as bandas regimentais de infantaria 8 e 20. A espaços sobe ao ar escolhido fogo de artifício, fechando com um bouquet de surpreendente efeito.

Eis em traços ligeiros o programa das «Gualterianas» de 1912.

As Comissões

DAS

"GUALTERIANAS,"

A Grande Comissão

Presidente da Associação Artística Vimaranesa, Presidente da Associação de Classe dos Cortidores e Surradores, Presidente da Associação de Classe dos Empregados de Comércio, Presidente da Associação de Classe dos Fabricantes de Calçado, Domingos José Pires, Joaquim de Sousa Pinto, Eduardo da Silva Guimarães, José Gonçalves Barrôso, António F. Pimenta Machado, José Maria do Souto, João Alves da Silva Cosme, José Salgado, António Luis da Silva Dantas, José Ferreira Ramos, Torquato de Magalhães, Firmino Pereira da Silva, Nunoel C. Martins, Francisco Jacinto, António de Sousa Guise, José Mendes de Oliveira, Joaquim Patrício Saraiiva e António Lopes de Carvalho.

Júri para o gado bovino

José Pinto de Sousa e Castro, Ovidio de Faria e Sousa Abreu, João Gonçalves (Mouril), Joaquim Ribeiro Abreu, Joaquim de Sousa Pinto, Guilhermino A. Rodrigues (Técnico).

Júri para o gado cavalari

Visconde do Paço de Nespereira, Domingos Freiria, António Vaz de Nápoles, José Figueiras de Sousa, Guilhermino A. Rodrigues (Técnico).

Batalha de Flores

Dr. João Rocha dos Santos, João Rodrigues Loureiro, Amadeu Carvalho, Adriano Trepa Ramos, Jerónimo de Almeida, Gualter

Martins, Gualter Sousa Lobo, Alberto Martins Fernandes e Domingos Freiria.

Júri para o concurso das festadas

Capitão Luis Augusto de Pina Guimarães, Alfredo Guimarães, Martinho Sousa Lobo.

Provas ciclistas

Benjamim de Matos, Anibal Fernandes, Umberto Gonçalves, Eduardo de Freitas Ribeiro e Alberto Costa Guimarães.

Programa

Abel Cardoso, Capitão Luis de Pina Guimarães, José de Pina, José Ribeiro de Freitas, Martinho Sousa Lobo e José de Freitas Costa Soares.

AO PÚBLICO

As "Gualterianas,"

Para que conste, torna-se do conhecimento geral as condições em que pela illustre autoridade militar do distrito foi concedido o interregno, indispensável para a realização da grande e popular Festa da Cidade:

«Em cumprimento do determinado pelo Ex.^{mo} General, governador militar da 8.^a circunscrição, comunico a V. Ex.^a que continuam suspensas as garantias no distrito de Braga, sendo porém permitida, durante as festas da cidade, que os estabelecimentos, cafés, espectáculos, etc., estejam abertos e funcionem como nos casos normais, e bem assim que se realizem os festejos como nos demais anos.»

Que por um exemplo de ordem, cordura e respeito mútuo todos contribuam para bem merecermos, na conjuntura, a confiança dispensada à terra de Guimarães.

A Comissão.

Custoso de engulir

A talassaria maldosa e tóla que contava com o seu generalissimo voando glorioso sobre Lisboa, rosnava por aí, com mal contido despeito pela derrota vergonhosa de Chaves, que infantaria 5 tinha sofrido grande número de baixas na sua limpeza feita nos conspiradores.

Contra esses insidiosos boatos protestaram já os oficiais do batalhão, o que não evitará que continuem... enterrados em segredo muitos soldados republicanos.

Chegou!

Os objectos pertencentes ao tesouro da Colegiada e outros que tinham ido para Braga enriquecer a exposição de arte sacra, voltaram a seu tempo, intactos, e trabalha-se para que todo o tesouro possa ficar exposto ao público nos três dias de festa.

Não se assustem, pois, os exagerados baírristas que ainda julgam ter ficado em Braga, para nunca mais voltar, o tesouro da Colegiada.

Confeitaria e mercearia

PATRICIO

Nesta casa encontra-se um bom sortido de artigos próprios para a batalha de flores; assim como nas Gualterianas encontrarão os seus estimados fregueses um bom serviço de comidas frias e o afamado vinho branco, etc.

OS ACONTECIMENTOS

O que se passa entre nós

Excessos de zelo

No próximo número prometemos tratar de factos ocorridos no domingo passado, no jardim público, apreciando-os como merecem.

O Vieira de Castro

Volta para a cadeia de Guimarães este famigerado aliciador, pois torna-se necessária a sua presença para algumas acareações com detidos que, está provado, efectuavam reuniões em casa daquele.

Novas prisões

Foram presos na freguesia de S. Miguel de Serzedo João Leite Guimarães, proprietario, José Ribeiro Dias, estudante da casa do «Penêdo», Francisco de Moura, o «Bastos», jornalista, João da Cunha e Francisco Lucas, lavradores, António Pinto, alfaiate, e o respectivo pároco a quem foi apreendida correspondência comprometedora. Além de outros encontram-se ainda presos Pedro Pereira de Freitas, negociante, Francisco Ferreira e António Faria.

Ontem, foram presos na freguesia de Negrelos, na casa de Mógos, os supostos conspiradores João Ferreira Caldas e um filho. Numa busca dada, foi-lhes feita a seguinte apreensão: duas espingardas, dois revólveres, um punhal, cartuchos embalados para espingarda, outros com chumbo e balas para cargas. Também foi detido o sr. João Jacinto, cirurgião dentista, que já foi solto.

Abreu de Lima

Este official «aristocrata» conserva-se incomunicável e com sentinela à vista. Tem sido chamadas a depôr inúmeras pessoas, havendo afirmado, uma testemunha que o «cavalheiro» arrematava por vezes os seus ataques hidrófobos contra a República mostrando na lapela do casaco uma medalhinha do fetiche rial. É sintomático para a psicologia de um... official do exercito!

Limpando

Apreenderam numa barraca e ainda também num vendedor ambulante, medalhinhas e postais de significação hostil ao regimen.

Melhor que estas úteis e indispensáveis limpezas do cisco, que exalta traição e vilania, julgavamos que seria proibir superiormente, em nome do decôro e da ordem pública, a exposição à venda desses artigos. Assim evitar-se hiam intervenções inesperadas e desagradáveis.

António Guimarães

De visita aos seus encontra-se entre nós o nosso distinto conterrâneo sr. António Guimarães. Cumprimentamo-lo affectuosamente.

O BENJAMIM

AO TOURAL

Vende Serpentinhas

e Confetis

Pelos Preços das Fabricas

Descanço nas farmácias

Na próxima segunda-feira está aberta a farmácia Martins.

Sociedade Protectora dos Animais

Sessão solene—distribuição de prémios

No pretérito domingo, 28 do p. passado, realizou-se na sede da Sociedade Protectora dos Animais uma sessão solene e pública para distribuição dos prémios e diplomas de honra do concurso inter-escolar, promovido pela Sociedade congéneres de Lisboa, que couberam aos alunos de instrução primária desta cidade.

Por especial deferência para com a Sociedade, o Grupo Musical Recreativo cooperou brilhantemente naquela festa, que correu admiravelmente bem; festa que, pela sua natureza, significa um avanço para o progresso humano, um passo dado para a moralisação dos costumes do nosso povo tam sedento de luz e de verdade.

Festes daquela natureza deviam efectuar-se o maior número de vezes possível, pois que com isso, com a sua realização, muito ha a esperar, muito tem a lutar para a sua propaganda os homens como nós, que se empenham no estabelecimento da felicidade de todos, na comunidade do bem, pela justiça e pela equidade.

As 21 horas tomou a presidencia o ex.^{mo} sr. General Flores, presidente da Direcção, que, depois de pronunciar uma bela alocução significando o valor daquele acto, e depois de frisar com tristeza o facto de só 11 alunos deste concelho, e duma só escola, concorrerem ao concurso inter-escolar, de intuitos tão nobres e levantados, o que prova o quanto uma ideia nova, embora benemérita, custa a germinar e a fazer-se compreender aos homens da nossa terra, habituados a uma estagnação de fazerem sempre, de repetirem todos os dias a mesma coisa, a verem, a olharem com olhos desconfiados qualquer iniciativa mais original filha do progresso, que surja neste meio por um acto de vontade e de amor, e depois de dirigir palavras encomiásticas à benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários, ali representada pelo seu comandante, o ex.^{mo} sr. Simão da Costa Guimarães, convidou-o para presidir à sessão solene.

O sr. presidente, depois de agradecer a gentileza do convite para presidir aquela festa, convidou para secretários os ex.^{mos} srs. Tenente-coronel de Infantaria 20 e Cónego José Maria Gomes.

Feita pelo presidente da Direcção uma alocução brilhante aos alunos das escolas centrais desta cidade, ali presentes, foram-lhes distribuidos os prémios e os diplomas de louvor, havendo muitas palmas.

Usou em seguida da palavra o sr. Cónego José Maria Gomes, que, no meio do maior entusiasmo, se referiu aos alunos, pedindo-lhes que tratassem bem os animais, tendo palavras de acerba censura para aquelas crianças que se entreteem a destruir os ninhos das aves, seres inocentes, criados com tanto cuidado e amor.

O sr. cónego José Maria Gomes esprou-se por mais algum tempo, louvando a Sociedade Protectora dos Animais e dizendo que, como padre, aquela festa lhe era o mais possível simpática. Que a igreja, que era uma escola, fôra com esse intuito estabelecida, embora, infelizmente, esse fim não seja sempre atendido. Todavia frisou que a igreja fôra criada para instruir. Educar, moralisar, evangelisar ideias grandes e humanitárias, que é o papel do padre. Por isso, que era com a maior alegria e satisfação que assistia à distribuição de prémios às crianças, os homens de amanhã, que de futuro hão de lembrar-se daquele dia, em que receberam um prémio, estimulando-lhes amor para com os animais, nossos ir-

mãos inferiores, terminando por recitar «O Sapo», poesia do livro «Animais Nossos Amigos», de Afonso Lopes Vieira, sendo muito aplaudido.

Após o seu discurso, recitou o sr. Serafim Rodrigues uma poesia, do mimoso poeta Jerónimo de Almeida, feita expressamente para aquêl acto, que não pulcamos por falta de espaço, mas que faremos no próximo número. Recitou mais, sendo muito aplaudido, «O Lobo de S. Francisco de Assis», do mesmo livro Animais Nossos Amigos.

Também o nosso patricio Alfredo Guimarães leu

Uma oração brilhante

da qual extraímos o que segue:

Falar da graça, do carinho, da coragem e paciência instintivas dos animais, senhoras e senhores, como melhor o poderemos fazer do que evocando-os no trabalho, dentro dos grandes quadros da vida rústica, na qual eles tanto expressam de dedicação, de paciência, de carinho e de graça.

Olhai vós outros o boi pesado e de lento andar, raro estranho ou enfurecido, que tam dedicadamente nos lavra os campos desta fertilíssima e bela pátria minhota — com que anciedade o compram, o submetem aos duros e constantes trabalhos; e com que indiferença o vendem — sempre de dono em dono, simples, humilde, trabalhador, resignado.

E o cão de quinta — sempre prezo e sempre desperto; fiel ao seu dono como ninguém; cumprindo as ordens que lhe gritam como sob-juramento; rondando a porta que lhe entregam quasi com cuidados humanos.

E a cabra montezã, tam silenciosa a caminho dos outeiros, da qual tão belos cantos referem os versos adoráveis de Vergílio.

Os animais dão-nos noções graves do que deve considerar-se a disciplina da vontade, submetida às exigências da vida. Não são somente nossos amigos; são também, muitas vezes — o que me parece bem triste — nossos mestres... A sua lição de esforço e resignação é colossal — e nunca homem algum a realizou.

Mas nem somente os animais trabalham e nos ensinam trabalhando.

O animal foi o bom companheiro dos evangelisadores de antigos tempos. Companheiro fiel como nenhum outro.

A antologia cristã — ou seja essa tão pitorescamente fabulosa história dos santos — dá-nos assuanto para uma longa dissertação acerca da fidelidade dos animais e seu profundo amor aos homens.

Que enorme graça a dêsse constante voo alegre das andorinhas de S. Francisco de Assis, formando em torno da cabeça trigueira e seca e alta do santo ideólogo, uma alada imitação de diadema, como mais belo não existe nas longas e sonantes e monótonas histórias do mundo. S. Francisco, nas manhas doces, junto das fontes que os loureiros orvalhados assombream, chamava-as: *Doces amigas, vinde vós...* E as andorinhas desciam num bater de asas enternecido de contentamento, e nas águas límpidas bebiam, inclinadas, em grato sinal de obediência... Muito unidas umas às outras, erguiam o bico fino para recolherem a água verde que lhes parecia mais doce da bênção toda amorosidade desse grande espirito que escrevera o imortal *Elogio do Sol*; e doces outra vez, erguiam voo, rondavam, voltejavam, em torno da cabeça que elas, em espirito de fé, sabiam ser da mais humana e divina revelação que a natureza, essência de Deus, havia criado.

E, outro tanto a branca cabra montezã de Santa Joana d'Arc, companheira fiel da Inspirada França, sempre unida à arma-

dura dessa singular heroína através as mil contingências duma das mais ásperas lutas civis de que nos fala a história. Ao seu lado feriam-se os mais duros ódios, viviam as expressões mais ferozes, seguiam os vestuários mais molestos — nessatrés vezes pesada, odiosa e agreste Idade Média. A cabra, entanto, seguia; e seu olhar de temor, di-lo Michelet, era mais do perigo que houvesse de sofrer Joana d'Arc, do que dos sacrificios que a cabra branca porventura teria de suportar.

Num alvorço nobre de piedade, vê-se nos templos cristãos, junto da imagem de S. Roque — pitoresco exemplar de peregrino — o cão amigo que o protege nesse momento aflito em que distingue a sua ferida dolorosa...

Os cães que seguiam S. Bernardo são, como o santo, exemplos da mais profunda piedade...

S. Jerónimo convivia amigavelmente com um leão, seu protector.

De tal modo, provam os textos cristãos que os animais são afectuosos, serviais e muitas vezes «inspirados»? Representam estes exemplos somente uma lição de fé? Não. Representam também uma enorme lição moral; e por certo a mais humana, a maior que os livros cristãos registam.

Minhas senhoras e meus senhores:

Os serenos pintores da Renascença, tam particulares de cuidado e prazer em estilizar as suas delicadas figuras, cobriram sempre com o oitavo mais puro o carneirito tenro de S. João, nos seus típicos adoráveis. Esse facto não se deve exclusivamente à representação religiosa que os artistas iniciadores do quadro se obrigavam a documentar, mais ou menos teatrelisando, mas também à circums-tância de uma fácil adaptação decorativa com esse e outros tipos animais, de todo o modo belos e, portanto, úteis como elementos de um conjunto pictórico.

Em verdade, os animais, em grande número, são admiráveis fisionomias, com atraentes e originaes expressões. Assim se explica que não só com os dois animais que se representam em todos os inúmeros presépios da Renascença haja vivido a obra de arte plástica. Já antes e depois, desde a mais primitiva manifestação das faculdades de estética humana, em gravados rudes e representativos de esquecidas e exóticas raças animais, até hoje, com uma completa sciência da técnica artística — sempre a beleza da forma animal, nítida, surge variadíssimas vezes nos quadros e esculturas em muitos casos como elemento primordial, e então de um efeito inédito, originalíssimo.

E se os animais tantas vezes lograram preocupar a sensibilidade e a inteligência dos artistas — almas de excepção em matéria de consciência piedosa e delicada — procure o homem medianamente educado justificação a esse interesse com que a arte tem procurado indicar a todos os seus admiradores onde reside a essência espiritual das duas grandes irmãs — a piedade e a beleza. O cão doirado da escultura do nosso Frin-chert representa um grito enorme cheio de lágrimas e de amor piedoso; o cavalo árabe sobre que se levanta a figura airosa de Carlos IV, no quadro doirado do pintor flamengo é duma elegância que encanta, e documenta o mais belo dos modelos animais. Assim se prova que a arte — a qual muita gente chama a *burguezia ociosa*, a perdulária sem igual — é uma fonte inextinguível de ensino moral e intellectivo.

Minhas senhoras e meus senhores: Belo exemplo de moral social o que resultará da festa a que nós todos, neste momento, estamos assistindo. A distribuição de prémios a al-

gumas das crianças das nossas escolas, faz-me pensar — e oxalá que eu me não engane — numa próxima reforma de alguns dos costumes de educação desta sob todos os pontos de vista minha amada terra de Guimarães.

Porque nunca foi tam necessário e tam útil modificar — e não somente modificar, mas também ampliar — como nesta hora intensa de amor pátrio, em que Portugal atravessa o Cabo Tormentoso da sua nova e ousada viagem á civilização — recordando a rota ousada das naus de 1500, e o alvorço singular da Renascença Portuguesa.

Semear no seio dos vários re-dutos sociais da nação, e mormente dentro do grupo infantil das escolas, esta lição moral da piedade para com os animais, afigura-se-me ser — digo mais: é — uma fecunda lição humana, a qual, sob todos os aspéctos, amplia a porção de ternura de que é capaz esta raça de Heróis, de Poetas e de Marinheiros.

Disse.

Por último, falou eloquentemente o presidente da direcção, ex.^{mo} sr. General Flores, agradecendo a compárência de todos os presentes, entre os quais se encontrava grande número de senhoras.

Lamentamos não nos ser possível reproduzir a série de considerações que fêz, por serem bastante extensas. No final foi muito aplaudido, tocando nessa ocasião, o Grupo Musical Recreativo, a Portuguesa, que foi por todos ouvida de pé, dando-se ao terminar muitas palmas.

Assim terminou, no meio do maior entusiasmo, uma festa tão brilhante, tão bela, e tão necessária para a educação do povo.

Bicicletas e acessórios

Vendem-se muito barato na loja do Benjamim.

O SOCIALISMO

As sucessivas vitórias do partido socialista alemão no campo eleitoral, levando ao parlamento grande número de deputados, devem-se aos seus processos de propaganda.

O successo da «Escola sindical», os resultados notáveis do seu ensino pratico, os benefícios da habil propaganda feita pelos seus alunos através da Alemanha, em todos os centros industriais, prendeu a atenção dos dirigentes do partido socialista alemão, instigando-os a dotar o partido com uma instituição semelhante, capaz de assegurar no campo político, todas as vantagens obtidas no terreno económico pelo socialismo.

Desde o congresso de Mannheim, que Clara Zetkin e Schulz insistiam na necessidade de criar núcleos de educação; lembravam as lições de Lebknecht, os cursos de Karl-Marx, no exílio, aos operários comunistas; mostravam a importância do ensino estendido á classe chamada a desempenhar um grande papel na transformação da sociedade e principalmente insistiam na necessidade imperiosa de iniciar os militantes na doutrina socialista, de modo a permitir-lhes, no seu apostolado, pôr em foco com a maior clareza as diferentes teorias que surgissem entre socialistas de diversas escolas, evitando assim todo o perigo de dissidência.

A escola socialista funciona durante 8 meses do ano, de Outubro ao fim de Maio.

Trinta alunos, vindos de toda a parte do império, seguem esses cursos; vinte dentre esses são escolhidos pelo partido socialista, os outros pela confederação geral dos sindicatos.

São em geral elementos dotados de grandes aptidões.

O programa dos estudos com-

prende: *história geral, história do socialismo, direito social, estudo da riqueza económica, estudo do programa do partido e da técnica da organização socialista.*

Todos os cursos são estritamente obrigatórios e, sob pena de exclusão, duram seis horas por dia; os professores são escolhidos entre os mais distintos professores das Universidades de Berlim. As despesas de sustentação estão a cargo da direcção do partido e da comissão geral dos sindicatos, na respectiva proporção; quanto ao sustento das famílias dos delegados á escola fica a cargo das organizações locais que os têm designado. Desde a sua criação, 141 trabalhadores seguiram o ensino da Escola.

Ao lado da Escola Socialista, o Partido constituiu uma espécie de «Extensão de educação» encarregada de organizar uma vasta série de conferências feitas através do país, por professores especiais, incumbidos de se aproximarem do maior número possível dos elementos que formam o grande partido socialista (tres milhões e quatrocentos mil eleitores) disseminados por todo o território do imenso império alemão.

As secções locais organizam «um mês de estudos», com duas conferências por semana destinadas aos trabalhadores que se fazem inscrever previamente e tomam o compromisso de as seguir assiduamente. 300 grupos locais responderam ao apelo feito pela «Extensão de Educação» e eis os resultados obtidos: em 1908, foram feitas 491 conferências, em serie metódica, em 42 localidades e seguidas por 5.493; em 1909, 519 conferências em 57 localidades e a cifra dos inscritos elevou-se a 8.954; em 1910, 682 cursos em 115 localidades, com 21.360 inscritos.

Eis como os socialistas alemães trabalham pelo seu ideal, usando dos mais legítimos processos de propaganda sem terem necessidade de recorrer a prégadores de anarquia nem tam pouco a convulsões que por desnecessárias envergonham e enlutam a humanidade.

Arrematação

(2.^a Publicação)

No dia 4 do próximo mês de Agosto, pelas 11 horas, e na povoação de Vizela, desta comarca, se tem de arrematar em hasta pública e por maior preço acima da avaliação o móvel abaixo mencionado, isto no processo de execução de sentença, em que é exequente José Coelho Moreira, solteiro, maior, proprietário, da freguesia de S. João das Caldas, desta dita comarca, e executado Artur Santos, da cidade de Lisboa, a saber:

Um automóvel de 4 logares, pintado de cor azul celeste, com a segninte marca — L. F. Isota Fraschim Milano — registado em Lisboa sob n.º 1063, tendo o mesmo 5 lanternas e 2 cornetas de alarme, da força de 16, 22 cavalos e 4 cilindros, e bem assim 4 capas e uma câmara de ar que se acham agarradas ao mencionado automóvel, tudo avaliado em 600\$000 réis, por quanto vai á praça.

Pelo presente são citados quaisquer crédores incertos para assistirem á praça e dedusirem os seus termos.

Guimarães, 22 de Julho de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão,



RESTAURANTE DA TROFA
(Antigo RESTAURANTE RODRIGUES)
José Vaz de Araújo, (o José da Palavra) tem a honra de convidar os seus ex.^{mas} freguezes e amigos a visitarem o seu restaurante, onde encontrarão serviço muito esmerado e preços módicos.
Não confundir com outro, porque é o segundo contando de cima.

EDITAL

(2.^a Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, faz público:

Que se acha em execução a proposta apresentada pelo Cidadão Presidente, em sessão ordinária de 9 do mês corrente e ano; que é do teor seguinte:

Proposta

Considerando que a Câmara Municipal, em sua sessão ordinária, realizada no dia 29 de Março do ano próximo findo, deliberou adquirir uma carrêta para condução de cadáveres ao cemiterio público, mediante uma taxa de aluguer;

Considerando que a deliberação tomada foi aprovada superiormente como se mostra de documento arquivado; e

Atendendo a que da aludida carrêta já esta municipalidade está de posse, cumprindo agora estabelecer a tabela de preços por cada condução.

Propunha

Que, por cada saída da carrêta para condução de cadáver ao cemiterio, quando tenha de ser levada á mão ou tirada a uma parelha, se cõbre adiantadamente a quantia de mil e quinhentos réis.

Que, quando tenha de ser tirada a duas ou mais parelhas, se cõbre pela mesma forma o dôbro da taxa.

Mais propunha que por excepção podesse ser cedida gratuitamente para aqueles que, pelos seus reconhecidos serviços ao Município ou ao Estado, ou ainda por qualquer outro motivo, a Câmara entenda dever dispensar o pagamento da taxa.

Pelo pagamento das taxas só há direito á carrêta, pois que o pessoal e parelhas necessárias serão de conta dos interessados.

Posta á discussão, foi aprovada por unanimidade, ficando desde já em vigor.

E, para conhecimento de todos se publica o presente e outros de igual teor, nos lugares do costume e estilo, e ainda em um jornal da terra.

Guimarães, Secretaria Municipal 19 de Julho de 1912.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

Verifiquei.

O Presidente da Comissão,
Mariano da Rocha Felgueiras.

A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil — Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Esta sociedade operária, encarrega-se da execução de qualquer trabalho concernente às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadíssimo, como o provam diversos trabalhos já executados, dos quais, além da seriedade em que são executados, resulta grande economia para os Srs. proprietários das obras, atendendo às vantagens que gozam as Sociedades Cooperativas,
Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

PADARIA

—DE—

Joaquim de Sousa Neves

Especialidade em BIJOU, e pão de milho

Rua da Liberdade (à Cruz de Pedra)

GUIMARÃES

Ao Chic da Moda

—DE—

Camilo Alves de Almeida

12, P. D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Toural)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e miudezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovaes. Chá preto e verde.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo d'Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 80

(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, cera em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura

Preço das publicações

Anno 1\$200 rs.
Semestre 600 "
Brazil, anno (moeda forte) 2\$500 "
Numero avulso 20 "

Anuncios e communicados, por linha 40 rs
Repetição, por linha 20 "
Permanentes, contracto convencional.
Anuncios, não judiciais, para os snrs. as signantes 25 % de abatimento.

Abilio d'Almeida Coutinho

Solicitador encartado

Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras.
Compra e venda de papeis de credito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Porto.

Compra e venda de predios urbanos e rusticos, para o que ha sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.

Sobre todas estas operações, de que está encarregado, guarda-se segredo profissional, tratando-se somente com os interessados.

ALVORADA

Ao Cidadão